

SINGULARIDADES DAS ESTRUTURAS AGRÍCOLAS DA REGIÃO CENTRO-OESTE ENTRE 1995 E 2021: UM OLHAR POR INTERMÉDIO DOS INDICADORES REGIONAIS DE LOCALIZAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO

Murilo José de Souza Pires

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea).

E-mail: murilo.pires@ipea.gov.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2949-port>

Este texto é a continuação das análises desenvolvidas por Pires (2023) sobre a dinâmica das estruturas produtivas agrícolas regionais brasileiras no período de 1995 a 2021. No entanto, o estudo foi aprofundado para o caso específico da região Centro-Oeste, dado que, a partir de meados dos anos 1960, o tempo da transformação das estruturas produtivas agropecuárias despertou esse espaço regional. Como resultado, se iniciou o processo de metamorfoses no contexto da modernização conservadora, devido ao avanço do uso de inovações tecnológicas provenientes da Revolução Verde. Entretanto, foi possível observar que o sistema fundiário da região – que se encontrava enraizada, em especial, em médias e grandes propriedades rurais – não foi profundamente alterado.¹

Esse avanço do progresso técnico ganhou nova expressão depois dos anos 1990, quando o país se inseriu na ordem mundial, dominada pelo pensamento do Consenso de Washington. Sendo assim, os eixos de expansão das regiões brasileiras tornaram-se alinhados à dinâmica dos mercados globalizados, impulsionados, em particular, pelas *commodities* agrícolas e minerais. É nessa nova estratégia de inserção internacional

que o estilo de desenvolvimento da região se ressignificou e os estímulos do estado, decorrentes das estratégias de incentivo de modificação das estruturas de produção, foram aos poucos substituídos pelos mecanismos econômicos e financeiros dos mercados globalizados.

É nesse novo cenário desvelado, a partir dos anos 1990, que o mercado se torna o grande palco para o fomento de mudanças. Além disso, a agricultura científica globalizada se converte no principal cânone para a difusão do progresso técnico entre os produtores agrícolas. Esses estímulos se intensificaram com a entrada, em 2021, do bloco econômico da China, Hong Kong e Macau² no eixo de expansão mercantil do Centro-Oeste, que, a partir disso, converteu-se em seu principal parceiro no cenário comercial internacional.

Em virtude desse contexto, se estabelece a indagação desta pesquisa, qual seja: como se caracterizaram as estruturas agrícolas centro-ocidentais, em suas formas multiescalares, quanto aos seus aspectos de localização e especialização? Para responder a esse questionamento, é importante ressaltar que o foco de análise são as Unidades Federativas (UFs) que edificam o

1. Para mais detalhes, ver Estevam (1998), Pires (2008) e Heck (2019).

2. O uso do termo *bloco econômico da China, Hong Kong e Macau* se justifica porque faz parte da diplomacia chinesa da *Política de uma China Única*, ou seja, que há somente uma China, mesmo com dois sistemas políticos diferentes.

SUMEX

Centro-Oeste, bem como suas microrregiões e municípios. Ademais, analisam-se também as unidades produtivas que moldam essa estrutura, integradas pelas culturas temporárias e permanentes desse espaço regional.

Para isso, adota-se a hipótese, alicerçada em evidências teóricas,³ sobre os problemas da heterogeneidade estrutural – um dos problemas centrais do subdesenvolvimento. A hipótese é de que a estrutura agrícola do Centro-Oeste é um caso particular, mas não único, de um estilo de desenvolvimento que reforça seus laços em uma economia de industrialização tardia e dependente de capital e tecnologia externas.

Isso significa que o progresso técnico se cristaliza diferenciadamente entre os produtores agrícolas dessa região, de tal forma que projetam as forças do moderno e do arcaico, as quais se subsomem em um padrão marcado pela heterogeneidade estrutural e produtiva entre os agentes econômicos. Isto é, reproduzem um estilo de desenvolvimento que fortalece suas relações mercantis, de modo que a produção agrícola é concentrada em poucos itens e espaços específicos.

Em geral, aceleraram-se as transformações das unidades de produção agrícolas centro-oestinas, em especial aquelas que estavam interligadas com a lógica econômica subordinada à agricultura científica globalizada. Cada vez mais as forças do mercado condicionaram as decisões econômicas dos agentes econômicos e, pouco a pouco, o eixo de expansão do produto agrícola nessa região foi vinculado às demandas e deliberações estabelecidas tanto nas *tradings companies* quanto nas unidades de processamento que constituem os elos das cadeias produtivas regionais, nacionais e internacionais.

É por isso que os produtos com maior significância e expressividade em 2021 foram as culturas de soja e milho, que juntas responderam por pouco mais de 82% do valor da produção

agrícola (VPA) centro-oestino. Somente a soja glutinou quase 60% da participação total de todas as culturas temporárias e permanentes desse espaço regional. No geral, as culturas de soja, milho, cana-de-açúcar e algodão foram responsáveis, em 2021, por pouco mais de 96% do VPA da agricultura temporária e permanente do Centro-Oeste.

Em contrapartida, observa-se que a cultura da soja apresentou um coeficiente de especialização (CE) próximo do verificado para a região de referência, isto é, nas proximidades do valor mínimo, que é 0. Isso indica que a distribuição espacial da cultura da soja está mais dispersa pela região e se aproxima do padrão determinado para o conjunto do Centro-Oeste.

Esse fato também pode ser comprovado pelo índice de Herfindahl-Hirschman (IHH), que aponta uma dispersão considerável da cultura da soja pelos municípios centro-oestinos. Com isso, o quociente locacional (QL) revela que as manchas constituídas pelos municípios com localização relevante são expressivas nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

No caso da cultura do milho, o CE possui maior grau de especialização *vis-à-vis* a cultura da soja, porém com uma distribuição próxima daquela verificada para o padrão da região de referência. Quanto ao IHH, constata-se também maior concentração em nível dos municípios do Centro-Oeste quando comparados à soja, mas com valores inferiores àqueles verificados para as culturas de cana-de-açúcar, feijão e algodão.

Apesar disso, o QL aponta para uma localização significativa, que se espalha por manchas vermelhas que cortam os eixos centro-norte-nordeste de Mato Grosso, sudoeste-centro-nordeste de Goiás e norte-centro-sul de Mato Grosso do Sul.

No que diz respeito à cana-de-açúcar, o CE tem maior grau de especialização em relação às

3. Para mais detalhes, ver Pinto (2000), Heck (2019) e Pires (2020).

culturas de soja, milho, feijão e algodão nesse espaço regional em 2021. Por sua vez, o IHH assinala que a concentração da produção de cana-de-açúcar entre os municípios centro-ocidentais foi superior quando comparada às culturas de soja e milho, as quais são mais dispersas.

Acerca dos municípios que se especializam nessa cultura, o QL evidenciou que os valores de localização significativos se concentraram na porção sudeste-sudoeste e norte de Goiás, bem como na faixa sudeste-nordeste de Mato Grosso do Sul, o que indica que a expansão da cultura da cana-de-açúcar por Goiás e Mato Grosso do Sul é um prolongamento da cultura paulista. Além disso, há uma mancha ao sul de Mato Grosso.

Além dessas culturas, o algodão apresentou um CE que exibiu maior grau de especialização quando comparado com as culturas de soja, milho e feijão. Isso ficou expresso também no IHH, que destacou, entre todas as culturas analisadas, que o algodão foi a que teve maior concentração de produção entre os municípios centro-ocidentais. Não é por outro motivo que o QL reforçou que a mancha mais importante de produção dessa cultura encontra-se em Mato Grosso.

Por fim, o *coeficiente de reestruturação* salientou que as microrregiões com maior grau de transformações em suas estruturas produtivas agrícolas, entre 1996 e 2021, foram Rosário do Oeste, Norte Araguaia, Alta Floresta e Paranatinga, todas em Mato Grosso. Em compensação, aquelas com menor reestruturação foram sudoeste de Goiás; Alto Taquari e Dourados, ambas em Mato Grosso do Sul; e Alto Araguaia e Rondonópolis, em Mato Grosso.

Em síntese, observa-se forte especialização nas culturas de soja, milho, cana-de-açúcar e algodão no Centro-Oeste, porém com o grau de especialização diferenciado entre elas. A cultura que apresentou um padrão mais próximo ao verificado para a região de referência foi a de soja, seguida pelo milho, algodão e cana-de-açúcar. Todavia, o IHH ressaltou que a cultura

de soja foi também aquela com a menor concentração da produção, em nível dos municípios do Centro-Oeste *vis-à-vis* as culturas de milho, cana-de-açúcar e algodão. Por último, as microrregiões de Rosário do Oeste, Norte Araguaia, Alta Floresta e Paranatinga foram aquelas com maior grau de reestruturação em suas estruturas agrícolas entre 1996 e 2021.

REFERÊNCIAS

ESTEVAM, L. A. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. Goiânia: Luís Estevam, 1998.

HECK, C. R. **A heterogeneidade socioeconômica como limitante do desenvolvimento do estado de Mato Grosso**. 2019. 181 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

PINTO, A. Natureza e implicações da “heterogeneidade estrutural” da América Latina. In: BIELSCHOWSKY, R. (Ed.). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. p. 567-588.

PIRES, M. J. de S. **As implicações do processo de modernização conservadora na estrutura e nas atividades agropecuárias da região centro-sul de Goiás**. 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PIRES, M. J. de S. **O grau de heterogeneidade da estrutura agrícola da região Centro-Oeste segundo os Censos Agropecuários 1995, 2006 e 2017**. Brasília: Ipea, out. 2020. (Texto para Discussão, n. 2607).

PIRES, M. J. de S. **Características das estruturas produtivas agrícolas regionais brasileiras entre os anos de 1995 e 2021**. Rio de Janeiro: Ipea, set. 2023. (Texto para Discussão, n. 2914).